A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; M. de Assumpção; Marcellino Mesquita; P. dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

AFRICA OCCIDENTAL

CHRONICA

— —

Podia fallar-te hoje da ultima tourada nocturna com a *great attraction* do Tinoco reapparecido, ou dizer-te que abriram as suas portas a Penitenciaria de Lisboa e o theatro da Trindade, este para continuar a dar-nos as gaiatices da opera-comica desopilante, aquella para esconder aos olhos mundanos os protogonistas de muitos dramas de lagrimas e de muitas tragedias sangrentas.

Mas tu, leitora, que andas ao par dos mais infimos successos indigenas, informada dia a dia pela coscovilheira gazeta do sr. Thomaz Quintino Antunes (visconde), estás farta de saber tudo aquillo e far-me-ias de certo boneca, se eu t'o fosse contar agora, com pretensões a alviçareiro, dissertando massudamente sobre as proezas tauromachicas do Tinoco recem-esfaqueado, ou a respeito da voz cançada da Florinda e das abobadas sinistras e pesadas da Penitenciaria recem-aberta.

Deixemos, pois, em paz, a um canto, estes tres assumptos mortos, e orientemos-te no labyrintho do litigio hispano-germanico, que continua a ser a questão do dia em todos os pontos da Europa.

Por fim de contas, este caso das *Carolinas* é uma verdadeira caturrice dos castelhanos.

Todos os dias, desde tempos immemoriaes, os portuguezes lhes roubam, nas bochechas dos seus *alcaldes*, muita *Concha*, muita *Dolores* e muita *Encarnacion*, sem que nenhum d'elles se haja ainda lembrado de protestar contra o roubo e de promover manifestações anti-luzitanas, aos acordes da *Jota aragonesa*, com bandeiras desfraldadas ao vento e gritos de guerra soltados pelo povaleo apopletico.

Temos-lhes ido surripiando lentamente, *au jour le jour*, o que elles possuem de melhor no elemento feminino, em Granada, em Sevilha, em Cadiz e em Malaga, até organisar aqui uma respeitavel colonia hespanhola, sobre a qual os gommosos do *sport* e os estoiradinhos do Chiado exercem a mais completa soberania; e nem por isso a imprensa madrilena aconselhou que se reforçasse a marinha da Peninsula, que se comprassem torpedeiros e que se artilhassem com peças de grosso calibre as praças de Tarifa e Ceuta.

Fazemos-lhes mão baixa em centos de *Pepas*, e elles não nos enviam nem sombra de nota diplomatica. Arvoramos a bandeira portugueza em milhares de *Consuelos* appetitosas, que abrem os portos da sua formosura ao commercio nacional, e os hespanhoes, moita. Usurpamos o seu dominio incontestado sobre duzias e duzias de *Mercedes salerosas*, e a Hespanha não se move, não se congestiona, não tem fremitos de indignação, não junta ao cholera do Ganges as coleras do proprio desespero, nem entabola negociações activas com os nossos governantes para que lhes restituamos a fazenda roubada. Deixa-se ficar serena e quieta, como se nada fosse com ella, e não nos invade a fronteira com os seus canhões de Trubia, polidos, e nem sequer reparte comnosco a epidemia que a devasta, para se vingar da usurpação escandalosa.

Verdade seja que nós, guardando um poucochinho de consciencia, entregamos-lhe passados annos a preza, mas como vae ella! As *Conchas*, avariadas e semi-mortas, teem já perdido o lume faiscante do seu olhar diabolico. As *Dolores*, arrazadas e rugosas, não levam alentos nem vida para entoar, ao som da bandurra, uma simples *seguidilla*. Ruinas de bellezas extinctas, cinzas já frias de vulcões apagados, as *Pepas* e as *Mercedes* restituem-se á mãe patria quando os nossos marialvas lhes teem desbotado as faces carminadas no lodo das orgias nocturnas, e a fome negra lhes tem feito vender, até ao ultimo fio, os setins caros ganhos ao fanico quotidiano dos prostibulos.

E' assim que nós restituimos á Hespanha, nossa irmã, os thesouros femininos roubados. E a Hespanha, repetimo-l'o, não se agita, e o general Salamanca, um bravo, não devolve ao sr. Fontes nenhuma commenda luzitana; e o garboso exercito hespanhol não se subleva n'um impeto d'orgulho nacional offendido, e no dia seguinte o comboio traz-nos de Malaga e Sevilha nova remonta fresquinha de *Encarnacions*...

Vem Bismarck com o seu capacete ponteagudo, lança mão das *Carolinas*—uma miseria—e zás! arma-se logo a baralha que teem visto. Manifestações anti-germanicas chovem em Madrid, Saragoça, Barcelona, Segovia, Orense, Gerona, Cadiz e Cordova. Os jornalistas madrilenos, como o nosso collega portuense, pedem ao ventre de Castella um esforço supremo para salvar a honra da patria. As notas diplomaticas fervilham. A força publica pronuncia-se por um conflicto armado com as raças teutonicas. O povo saragoçano deixa em casa os paes e os irmãos estrebuchando com as caimbras do cholera, e vem para a rua pugnar pelos seus direitos menospresados.

Tudo isto porque lhe roubaram as *Carolinas*, *un par de islotes de la Oceania*, como dizem desdenhosamente as folhas do sr. Canovas. Ainda se fossem as Andaluzas, as Malagueñas, as Sevilhanas estonteadoras... Mas não; são as *Carolinas*, um archipelago chinfrin do Oceano pacifico, na parte da Oceania conhecida pelo nome de Micronesia, ao sul das *Mariannas* e ao norte das *Filippinas*, entre os 6° e 12° de latitude N. e os 135° e 160° de longitude E.; um punhado d'ilhotes perdidos no meio das aguas, que não valem dois *ochavos*, quanto mais uma campanha sangrenta.

Decididamente, é caturrice dos nossos visinhos querer reconquistar aquillo por meio das armas. Nem Bismarck fica mais rico com a posse da preza oceanica, nem a Hespanha mais pobre depois da ladroeira do chanceller de lata.

Querem agora saber quem são os carolinos, esses miseros por quem os leões de Castella rugem irados ha boas tres semanas? Pertencem á raça malaia. Uns teem o cabello liso, outros encarapinhado como os pretos. D'olhos negros, labios grossos, cara larga, testa espaçosa, occipital achatado, nariz idem, os tristes habitadores d'aquellas regiões longinquas, por quem os nossos visinhos terceiam virilmente, dão-se á fanthasia estranha de pintar o corpo sempre desnudado com desenhos caprichosos.

Entre elles, o beijo familiar e o beijo lubrico não passam d'uma simples aspiração nasal mais ou menos forte. Applicam as largas ventas ao ponto da epiderme que desejam oscular, e zás! uma fungadella, assim á laia de quem se assôa.

Os pactos, entre os carolinos, são feitos por meio de palavras e sem testemunhas: é claro que faltam sempre a elles, como certos homens politicos da nossa terra.

O roubo alli é tão frequente como em qualquer paiz civilisado — a Allemanha, por exemplo. Os raptos de mulheres dão-se todos os dias entre amigos e visinhos. Se a parte aggravada se queixa, o raptor indemnisa-a em pedra-moeda ou em coqueiros e porcos.

Os carolinos, em geral, não teem mais d'uma mulher, embora haja muitos que possuem duas ou tres, vivendo na mais doce paz com todas ellas.

O indigena que deseja matrimoniar-se começa por offerecer presentes á *carolina* pubere dos seus pensamentos, em vez de lhe offerecer rhetorica. Muito mais pratico que na Europa. Dá cá dinheiro, toma lá a mulher. Se a escolhida acceita a dadiva, é signal de que

lhe não repudia o amor, e está concluido o negocio. Resta só entregar os presentes recebidos aos paes, como faziam os romanos, e proceder aos preparativos da boda.

N'aquella mesma noite assiste ao noivo o direito de passar a noite em *tête-à-tête* com a sua futura, ainda que o consorcio só tenha de effectuar-se d'ali a dias.

As bodas são simples, e feitas sem estardalhaço.

Quando os conjuges estão enfastiados um do outro, separam-se summariamente. Os filhos seguem o pae, e a mãe volta sósinha aos seus antigos penates.

O *carolino* que contrahe segundas nupcias é obrigado a pagar aos insulares uma certa quantidade de esteiras e de fructos, préviamente estipulada.

O marido, ordinariamente affectuoso e terno para a sua consorte, redobra de caricias e de affagos quando esta se acha no estado interessante. Logo que aquelle estado se manifesta, a *carolina* abandona o trabalho, fecha-se em casa, e deita-se sobre esteiras. Nos primeiros tempos, o marido é quem a serve. Ao aproximar-se a epoca do parto, vão assistil-a varias mulheres dedicadas a este mister, *comadres* habilissimas, que possuem segredos maravilhosos para tornar mais prompto o nascimento do pimpolho, e que cantam e dansam com estrepito, na hora difficil, para evitar que o esposo afflicto oiça os gritos doloridos da parturiente.

Dois dias depois do parto, a enferma banha-se em agua doce, e só volta a cuidar das suas occupações caseiras e campezinas d'ali a seis mezes. Uma delicia ser mãe n'aquellas terras! Em compensação, as *carolinas* amamentam os filhos durante dez annos.

As mulheres casadas consideram-se como propriedade do marido, e só por este motivo são castas, não conhecendo a castidade como virtude. Quando um carolino ordena á consorte que vá visitar algum homem, ou por ter recebido dinheiro d'este, ou por qualquer outra rasão, ella vae, e nunca protesta.

Os homens d'aquellas regiões andam nús, trazendo apenas uma tanga feita de panno de diversas cores, ou de fibras vegetaes. As mulheres usam uma especie de saia curta, atada á cintura e que lhe chega até aos joelhos. Tanto elles como ellas furam as orelhas, aos seis annos, para poderem usar argolas. Muitos furam o nariz.

Os *carolinos* não conhecem a escripta, comem com os dedos, bebem agua de côco, dividem o anno em duas estações, creem na immortalidade da alma, e parece que adoram uma divindade chamada *Machimachi*, salvo o erro.

Ora ahi tens tu, querida leitora, os sujeitos que ateiam um incendio medonho entre a Hespanha e Bismarck, as creaturas que vão, talvez, decidir, inconscientemente, dos destinos da Europa.

Por vida minha, as *Carolinas* não valiam tamanhos enthusiasmos!

CASIMIRO DANTAS.

A VALLA COMMUM

(POST-SCRIPTUM)

Quando eu morrer abram-me o peito,
E d'esta jaula, onde houve um leão,
Tirem, o carcere era estreito,
Meu velho e altivo coração,

Depois, sem dó e sem respeito,
Sem um murmurio de oração,
Lancem-no assim, vai satisfeito,
A' valla obscura, á podridão,

Para que durma e se desfaça
No lodo amargo da desgraça,
Por quem bateu continuamente,

Como um tambor que entre a metralha
Estoira ao fim d'uma batalha,
Rouco, furioso, ancioso, ardente!

GUERRA JUNQUEIRO.

O ABBADE FARIA

Quem ha que não conheça este curioso typo de um dos mais populares romances de Alexandre Dumas, o *Conde de Monte-Christo?* E' elle, por assim dizer, o eixo em torno do qual gira todo o romance. Edmundo Dantés, preso no castello de If, põe-se em relações com um seu companheiro de prisão, com um seu visinho de carcere, que ha longos annos trabalha por conquistar a liberdade, fazendo escavações n'um muro. Esse visinho industrioso e energico é o abbade Faria, um padre italiano, que alli está preso ha muitos annos, victima de odios e de interesses particulares. Nas suas longas conversações com Edmundo Dantés, revela lhe o segredo dos immensos thesouros escondidos na ilha de Monte-Christo, e que o hão-de habilitar a ser rico e poderoso e a vingar-se de todos os que fizeram a sua desgraça. Esse abbade Faria é a um tempo um sabio e um visionario, typo original e perfeit mente romanesco, que todos supporiam que nasceu, armado de ponto em branco, da imaginação ardente de Dumas.

Comtudo, é singular que Alexandre Dumas fosse logo escolher um nome portuguez para o dar a um italiano, quando encontraria facilmente nómes mais authenticamente ausonios para os applicar a esse personagem.

E' que o abbade Faria não era perfeitamente um vulto imaginario. No tempo em que Alexandre Dumas collocou a acção do seu romance, existia realmente em França um homem com esse nome, que se occupava, com ardor, de sciencias, e sobretudo das sciencias mysteriosas e recentes—as do magnetismo e da electricidade. Esse homem representava um papel nas agitações politicas da França, impressionava bastante os espiritos pela sua excentricidade, para que os *vaudevillistas* o escolhessem para figurar em scena, e não admira portanto que Dumas se lembrasse d'esse personagem pouco vulgar para se apossar d'elle com o seu direito de romancista e distribuir-lhe um papel na sua obra vasta e cheia de movimento.

O que podia saber Alexandre Dumas do abbade Faria, sem entrar em largas investigações?

Podia saber o seguinte:

Em 1788 chegou a França, tendo estado em Roma, onde se doutorára no collegio da Propaganda, o abbade Faria. Tendo rebentado a revolução, lançou-se com enthusiasmo no movimento revolucionario, foi um dos exaltados, e no dia 10 de vindimiario, dia assignalado por um d'aquelles innumeros motins de que Paris foi theatro, marchou sobre a Convenção á frente de um troço de revoltosos. Depois, quando a mão energica de Bonaparte restabeleceu a ordem em França, o abbade Faria abandonou a politica, e foi para as provincias do sul da França, onde se entregou ao exercicio do magisterio, sendo professor de philosophia nos lyceus de Marselha, de Nimes, e de outras cidades ainda.

Regressou mais uma vez a Paris, entregando-se então com extraordinario ardor ao estudo e á pratica do magnetismo, tornando-se tão notavel que os authores de um *vaudeville* intitulado a *Magnetismo mania* pozeram n'o em scena. Morreu afinal em 1819, victima de uma apoplexia fulminante, e n'esse mesmo anno, e já depois da sua morte, se publicou uma obra intitulada *De la cause du sommeil lucide, ou étude sur la nature de l'homme par l'abbé Faria, brahmine, docteur en théologie.* Esta obra devia ter tres tomos, mas só se publicou a primeira.

Não passou despercebida a morte do abbade.

O *Moniteur* consagrou-lhe dois artigos no dia 1 e no dia 3 de outubro.

Citado como authoridade pelos que se occupavam de magnetismo, o abbade Faria estava longe de ser um desconhecido, nem mesmo o seu nome estava olvidado, quando Dumas escreveu o *Monte-Christo*. Em 1841 tinham-n'o citado com elogio Burdin e Ribois na sua *Historia academica do magnetismo*, e o mesmo fizera Cuvillers nos *Archivos do magnetismo animal.* Hoffmann, o grande phantasista allemão, não deixára de ser impressionado por esse typo extravagante e singular, irmão dos que elle arrancava da sua imaginativa; Chateaubriand nas suas *Memorias além da campa*, já tambem se occupára do abbade Faria, dando ao seu typo todo o relevo do seu estylo potente; e finalmente Latour escreveu um artigo a seu respeito na *Nova biographia geral.*

Este typo do abbade Faria era um dos que mais podiam agradar a Dumas, sempre desejoso de pôr em scena os magnetisadores e o magnetismo, sempre apaixonado pelo phantastico e pelo extraordinario. Soou-lhe bem o nome do abbade Faria, tomou o personagem, transformou-o, e deu ao seu abbade Faria imaginario, com o prestigio soberano do seu genio, uma immortalidade que o verdadeiro abbade Faria debalde podia esperar.

Pois o abbade Faria era verdadeiramente portuguez, portuguez da India, e que por si e por seu pae teve em Portugal uma certa celebridade. Nascera em Bardez, na India portugueza, a 31 de maio de 1756, e era filho de Caetano Victorino de Faria e de sua mulher Rosa Maria de Sousa. Davam-se mal os seus paes, e Caetano Victorino, que já tinha ordens menores quando casou, não podendo aturar por mais tempo a vida que levava, resolveu fazer-se padre, e sua mulher houve por bem igualmente professar

como freira no convento de Santa Monica. Caso um pouco differente do de *Fr. Luiz de Sousa*, posto que semelhante nos resultados.

Tinha quinze annos José Custodio, quando partiu para Lisboa acompanhando seu pae, que passou depois a Roma, levando-o tambem comsigo. Em Roma se ordenou e se doutorou, como dissemos, no collegio da Propaganda, defendendo as theses theologicas da existencia e unidade de Deus e da revelação divina.

Doutorado e padre, regressou a Lisboa e foi viver para a companhia de seu pae, que estava então altamente conceituado, e que o tratava como seu filho adoptivo, não porque o seu nascimento fosse illegitimo, pois que José Custodio nascêra na constancia do matrimonio, contrahido legalmente pelo pae antes de tomar ordens sacras; mas José Custodio não podia andar a explicar isso a toda a gente, e preferia fazer-se passar por um filho de um brahmane. Tambem não mentia, fallava simplesmente meia verdade. O pae era realmente da casta brahmanica, mas de familia havia muito christã.

E tão brahmane elle era no fundo e tão afferrado á sua terra natal, que foi elle um dos que conceberam a estranha idéa, que deu origem á conspiração de 1787, que tinha por fim expulsar os Portuguezes da India. Essa idéa era muito acariciada por varios indios que estavam então em Portugal.

Caetano Victorino chegou, até, a ser confessor da rainha D. Maria I, e, no meio de todas estas grandezas, acariciou a idéa de revolucionar os filhos de Goa, assenhoreando-se dos bispados e das missões do Padroado. Alguma vez fallaremos d'este padre e d'esta conspiração. Não nos afastemos porém agora do nosso assumpto, que é a personalidade romanesca do abbade de Faria.

O abbade, ou padre Faria, prégou em Lisboa, e conta-se que, estando uma vez no pulpito da capella real, vacillou diante do brilhante auditorio que se preparava para o escutar. O pae estava por baixo do pulpito, e, vendo-o hesitante e convulso, disse-lhe em lingua da sua terra: «Tudo isto é *vaji*» o que em portuguez quer dizer: «Tudo isto é palha.» O filho animou-se e prégou excellentemente.

Póde não ser verdadeira a anecdota, mas mostra bem como esses filhos da India, aqui estimados e tratados em Lisboa com toda a consideração, nutriam no fundo da alma um odio profundo contra os portuguezes.

Tendo-se descoberto na India a tal famosa conspiração de 1787, veiu communicação para Lisboa, para serem presos os cumplices que aqui havia, e que eram, entre outros, o padre Caetano Victorino, seu filho José Custodio, José Antonio Pinto e Joaquim Antonio Vicente. Caetano Victorino foi preso no convento dos Paulistas, seu filho e os outros fugiram para França, no intento de passarem á India, mas José Custodio ficou em França, como sabemos, e nunca mais de lá saiu.

Aqui acaba pois, no anno de 1788, a vida do padre José Custodio de Faria, prégador e theologo, e começa a vida do abbade Faria, magnetisador e physico, professor e revolucionario, sabio e extraordinario, vulto singular como tantos outros que appareceram na epoca da Revolução Franceza, e que foram referver para um enorme caldeiro, que de subito se accendera em França, e onde se agitavam os ingredientes mais diversos, onde os theologos indios, como o abbade Faria, se confundiam com os atheus teutonicos, taes como Anacharsis Clootz.

Epoca profundamente curiosa, e ainda não completamente estudada, porque, para bem se apreciarem os elementos que lhe constituem a indole, é preciso seguil-os desde a sua origem, como nós podemos seguir o abbade Faria.

Infelizmente, José Custodio de Faria não deixou em portuguez obra alguma por onde se podesse apreciar o seu caracter, e tendo Cunha Rivara, na sua excellente memoria historica publicada em 1875, *A conspiração de 1787 em Goa e varias coisas d'esse tempo*, publicado varias cartas de Caetano Victorino, nenhuma publicou de José Custodio.

O sr. Genezano de Sousa, ainda parente do abbade Faria, é que dá conta, n'um artigo publicado no *Ultramar*, de 1865, de uma carta escripta por José Custodio a Antonio João de Sousa Candó em que lhe recommenda uma sua irmã adoptiva, chamada Catharina, a quem manda de presente um lindo e pequeno oratorio, um crucifixo doirado e uma campainha de trovão. Pertenceriam estes objectos ao famoso thesouro do cardeal escondido na ilha de Monte-Christo?

Alexandre Dumas foi injusto com a memoria do abbade Faria, fazendo com que elle se esquecesse, no castello do If., onde nunca esteve, da sua companheira de infancia, que deixára na India. Se Dumas tivesse estudado mais conscienciosamente o seu personagem, deveria fazer com que Edmundo Dantés fosse piedosamente procurar a Bardez a Catharininha, para lhe dar uma parte dos thesouros herdados.

E, com esse simples codicillo no testamento do abbade Faria, praticava Alexandre Dumas uma boa acção, e arranjava materia para mais dez volumes, a cincoenta mil francos cada um, o que lhe não era indifferente.

Pinheiro Chagas.

VERSOS POSTHUMOS

Amo-te e não t'o digo. Não é mêdo
Que eu tenho de dizer-te o meu segredo
A ti e a mais ninguem .
Não é mêdo, não é... Simples receio
Que o coração que bate no teu seio
Já bata por alguem...
Se não amas, se és livre, que ventura
Sentiria ao beijar-te a doce alvura
Da tua eburnea mão;
E depois de ter dito o meu segredo
Batia sem receios e sem medo
Meu triste coração.
Mas se amasses alguem? Se alguem amasses
Que já tenha osculado tuas faces,
Teu nitido cabello?
Tenhas ou não entregue o coração,
Só para não ver morta uma illusão
Prefiro não sabel-o!
....

Julho, 84.—A ares em S. Roque de Lameira.

Eduardo Coimbra.

HISTORIAS DE BASTIDORES

O NAMORADO DA BELLA HELENA

No theatro não havia mulher mais formosa do que ella.

Chamavam-lhe todos a bella Helena, e tinham rasão.

Era uma alcunha bem posta: tão bem, que, feita para uma só pessoa, servia á vontade para duas: para ella e para o marido.

Por esse tempo, o marido tinha partido *pour Cythere*. Andava correndo a provincia para arranjar uma *tournée* de verão.

A bella Helena, indispensavel ao theatro, mettida em todo o reportorio, ficára na brecha, não podia arredar pé do seu posto.

Era bonita e tinha talento.

O correio sabia já de cór a sua morada, e as cartas, tão habituadas estavam a ir para sua casa, que quasi lá iam ter sósinhas, por seu pé.

Entre a chusma enorme dos seus adoradores, começou a apparecer um homem alto, magro, de cabello grisalho, cara respeitavel, todo venerando.

Era certo na primeira fila, em noites que a bella Helena representasse; e quando sahia do ensaio de dia ella encontrava-o quasi sempre, devorando-a com os olhos, acariciando-a de longe com a sua sympathia respeitosa.

Uma noite, o homem de cabello grisalho mandou-lhe ao camarim um ramo de flores.

Helena recebeu-o, e, ao tirar uma rosa para pôr no seu *corsage*, encontrou um bilhetinho.

Esteve para não o abrir, para mandar o ramo pelo mesmo caminho. Mas em summa, sempre quiz ver o que lhe dizia o homem de cabello grisalho.

Tinha um ar tão respeitavel, esse homem, tão serio, tão paternal, tão conselheiro rico...

Abriu o bilhete.

Era escripto n'uma calligraphia primorosa, em estylo muito honesto, com muitos V. Ex.as excellentemente lançados. Pedia-lhe uma entrevista, porque tinha cousas importantes a communicar-lhe, e rogava-lhe se servisse responder-lhe o que lhe occoresse sobre o assumpto.

E por um pouco não terminava *com o Deus guarde a V. S.a*

Helena não respondeu. Achou tolo esse bilhete. Nem sequer lhe dizia que se matava se ella não respondesse, e que dos seus labios estava suspensa a felicidade de toda a sua vida.

O homem grisalho no dia immediato encontrou-a á sahida do ensaio, e em vez de se mostrar zangado, offendido, cumprimentou-a gravemente.

E d'ali por deante, todas as vezes que a encontrava era chapeu até ao joelho.

A bella Helena começou a achar-se malcreada em não ter respondido á carta d'esse homem tão bem educado.

Dias depois, em sua casa, Helena recebeu um segundo *bouquet* do homem grisalho, acompanhado de uma segunda carta. D'essa vez, porém, o homem grisalho poupava-lhe o incommodo de uma resposta escripta.

«Se v. ex.a me quer dar a honra de uma audiencia, esteja amanhã ás duas horas á sua janella. Se estiver eu subirei e terei a honra de lhe offerecer uma insignificancia para o seu beneficio, que, segundo me consta, se deve realisar no mez de junho proximo futuro».

UM DESAPONTAMENTO

No dia immediato, ás duas horas em ponto, a bella Helena estava a janella.

—Que demonio me quererá elle offerecer? E' um homem serio, um homem rico ..

N'isto, o sujeito grisalho voltava a esquina com um grande rolo de papel na mão...

Cumprimentou Helena e entrou no portal.

Helena estava um pouco enleiada. Mandou a criada abrir a porta e esperou-o na sala, com uma reserva cheia de dignidade.

Elle entrou muito delicado, muito respeitoso, sentou-se, e depois de trocadas umas phrases banaes de apresentação, de symphonia de dialogo, o homem grisalho perguntou-lhe com um sorriso cheio de promessas:

—V. Ex.ª faz beneficio proximamente, não é assim?

—Faço, por todo o mez que vem.

—Com que peça?

—Não tenho ainda peça...

—Foi exactamente o que me disseram. Então peço licença para tomar a liberdade de offerecer a v. ex.ª esta insignificancia...

E pegou no rolo de papel.

—E' um rolo d'inscripções, pensou a bella Helena, córando de jubilo, e aproveitando esse excellente rubor para responder ingenuamente, timidamente, pondo os olhos no chão:

—Eu não sei se deva acceitar... mal nos conhecemos...

—Oh! acceite, minha senhora, acceite, que me faz o mais feliz dos homens. ., que me dá o maior prazer da minha vida...

Helena olhou espantada para aquelle homem. que fazia o maior prazer da sua vida em se desfazer d'um rolo d'inscripções, e pegou nos papeis.

—Visto isso, acceito...

—Eu não sei se gostará d'esses titulos...

- Se não são hespanhoes, gosto com certeza, respondeu sorrindo Helena.

—Hespanhoes? São portuguezes, e portuguezes de lei: abra e veja Queira ter a bondade de abrir...

Helena abriu o rolo e leu assombrada:

A PATRIA REDIMIDA

OU

UM HEROE E MAIS TRINTA E NOVE

DRAMA HISTORICO PATRIOTICO EM 5 ACTOS
E 16 QUADROS

1.º A quebra das algemas.— 2.º O Leão de Castella. — 3.º As quinas d'Ourique. — 4.º O começar a levantar da cerviz altiva...

*

A bella Helena não poude ler mais. A indignação turvara-lhe a vista. Aquelle homem tão serio, tão venerando tirava-lhe uma illusão e levava-lhe um drama. Cheia da mais nobre dignidade, Helena levantou-se.

—Imaginava que o senhor era um cavalheiro, um homem serio ..

—Mas minha senhora. .

—Não posso receber por mais tempo a sua visita... meu marido está ausente.

E retirou-se magestosa, dramatica, murmurando cheia de desanimo, de desconsolo ..

—Em quem se hade a gente fiar, meu Deus?

GERVASIO LOBATO.

ADORAÇÃO

A JOAQUIM DE ARAUJO

Dá-me um fio sequer dos teus cabellos;
Quero prender-te ao collo as illusões
Que agitam, como um mar, meus sonhos bellos.

Quero prender n'um élo essas visões,
Doces conchas de luz que um céu agita;
Fundir n'um astro as dulcidas canções
Do nosso immenso amor, pomba bemdita.

Mas deixa-me beber todo esse aroma,
Essa ambrozia delicada e fina
Que em teus labios gentis brincando assoma
N'um beijo que não dás, pomba divina.

Vem, meu amor, vamos gosar, gosar. .
Que tu não sabes, virginal bonina,
Quanto me diz o teu profundo olhar.

AURELIANO CIRNE.

DA ORIGEM DOS INTRUJÕES EM PORTUGAL

E' ambicioso o titulo d'este artigo.

Assignalar a data precisa da vinda a Portugal do primeiro intrujão, que a titulo de beneficiar o paiz, se apresentou pedindo uma concessão qualquer, seria trabalho perdido.

Descobrir um antecessor, um ao menos para amostra, d'esse bando de harpias, que nos ultimos tempos tanto tem feito engordar a nossa divida nacional, se não chega a ser pesquisa de archeologo, é pelo menos serviço prestado aos actuaes fura-vidas, para que tomem exemplos da historia economica do nosso paiz, com que auctorisarem as suas excursões de vandalos, pelo bem-parado dos orçamentos do Estado.

Vamos ao caso.

No seculo passado existia um tribunal, que tinha por titulo *Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegação d'estes reinos*, e... se mais mundos houvera lá chegara. O tal tribunal era uma especie de sinthese de todos os conselhos superiores em que hoje abunda o paiz, que os ha para a solução de todos os negocios publicos, e para albergues de todos os invalidos da politica militante.

No dia 15 de maio de 1792 foi a *Real Junta* mandada consultar pelo marquez de Pombal, ácerca de um *plano agrario* do subdito italiano Francisco Xavier Constanzo (ahi fica o nome do intrujão) que pedia *duas leguas de terras incultas, livres de todos os encargos por espaço de quinze annos, e isempção de direitos das sementes, plantas e ferramentas que mandasse vir de fóra, obrigando-se em troca a ensinar o methodo de cultivar as terras, e fazel-as fructificar*, CONFORME OS DESEJOS DO LAVRADOR!

Que magico!

Esqueceu-nos dizer que o auctor do plano agrario, sobre que a *Junta Real* tinha que consultar, era Siciliano, natural de Messina, ainda rapaz, e desembaraçado de lingua, um dos predicados indispensaveis no officio de embaidor encartado.

Temos deante dos olhos a consulta da «Junta Real» que, como o leitor já deve suspeitar, não podia deixar de ser favoravel ao homem, que não só promettia ensinar o methodo de fazer fructificar as terras, mas até, o que cheira a milagre, *á vontade do lavrador!*

No tôpo da ampla margem da consulta lê-se: *Como parece. Queluz, 30 de maio de 1792*. Segue-se a referenda do marquez de Pombal em grossas letras garrafaes, e depois o *cumpra-se e registe-se*, tudo rubricado pelos vogaes da «Real Junta», que eram então, F. Theotonio Gomes de Carvalho, Jacinto Fernandes Bandeira, Domingos Vandelli, Jacome Ratton, e Francisco Soares de Araujo e Silva, cinco magnatas da burocracia pombalina, cinco individualidades que deixaram nome nos annaes da vida economica de Portugal, no seculo passado.

Se a consulta da «Junta Real» não fosse já de si curiosa, pelo assumpto de que trata, sel-o-ia pela valia pessoal dos seus signatarios, todos homens desempoeirados, e com o juizo no seu logar. Senão vejâmos.

O primeiro que assignou a consulta foi Theotonio Gomes de Carvalho, a quem podemos sem offensa chamar o homem dos sete officios, pelos muitos empregos rendosos que abarcou sem dar parte de fraco. Foi este feliz mortal do conselho de S. M. a rainha D. Maria I, e do conselho da fazenda e ultramar. Era licenceado em leis, cavalleiro de Christo, secretario da Junta do Commercio, director da real fabrica das sedas, administrador da alfandega do Porto Franco e da das Sete Casas, e socio da Academia Real das Sciencias! Foi tambem um dos quatro primeiros socios fundadores da Arcadia Ulyssiponense, onde tomou o nome pastoril de «Tirce Minteo». Que grande maganão foi este senhor Theotonio Gomes de Carvalho! Ignoramos o que elle foi como deputado-secretario da «Real Junta», mas sabemos que foi o detestavel poeta que escreveu o drama intitulado *Monumento immortal*, que se ropresentou por occasião da inauguração da estatua equestre de el-rei D. José, sendo tambem reu de uma tragedia *O Cesar*, representada no arraial de Nossa Senhora do Cabo! A este conselheiro é que se póde applicar com verdade o proloquio popular: «Fortuna te dê Deus, que o saber pouco te importe».

O segundo signatario da consulta, que reconheceu o Siciliano Constanzo como homem capaz de fazer das pedras pão, foi Jacintho Fernandes Bandeira, o argentario, que a estas horas está folgando lá no outro mundo, por haver sido tronco de uma arvore genealogica de que depois brotaram barões, viscondes e condes, todos pouco dados a aventuras industriaes, ao reverso do italiano de que o chefe da dynastia dos Bandeiras fôra benevolo julgador.

O terceiro signatario da consulta, que deu de mão beijada duas leguas de terrenos incultos ao forasteiro que as pediu para fazer cabriolas agricolas, foi o tambem forasteiro Domingos Vandelli. Este, sim, que não fazia tragedias para serem representadas nos arraiaes, nem dramas de má morte para incensar o marquez de Pombal.

O VENDEDOR DE CORAES

Domingos Vandelli, tinha nascido em Padua, e era portanto compatriota de Santo Antonio, honra que não sabemos se o sabio apreciava na sua devida conta. Viera para Portugal a convite do omnipotente ministro de el-rei D. José, para reger uma cadeira de philosophia na Universidade de Coimbra.

Trepando, trepando sempre, como o seu collega Theotonio Gomes de Carvalho, além dos graus academicos que já trazia de fóra, chegou a ser commendador da Ordem de Christo, lente jubilado, deputado da real Junta do Commercio, director do Jardim botanico da Ajuda, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, além de o ser tambem das de Upsal, Lusacia, Padua, e Florença. Metade d'estas habilitações ainda lhe eram de sobra para julgar do *plano-agrario* de Francisco Constanzo.

Como o nosso inimigo é, geralmente, o official do nosso officio, o erudito Felix d'Avelar Brotero, mordiscava na sciencia do collega, e attribuia-lhe grande parte da sua bôa fortuna: *ao modo com que sabia insinuar-se e captar a benevolencia de certos personagens collocados em logares eminentes, ou que dirigiram os negocios da monarchia por aquelles tempos.* (a)

Apesar da boa hospedagem que recebera em Portugal, parece que a gratidão não era a corda sensivel de Domingos Vandelli, pela necessidade em que se vio a Junta Suprema do Reino, a deportal-o em 1810 para a ilha Terceira, apesar dos seus 80 annos de edade. Logrou ainda voltar ao reino, vindo a fallecer a 27 de junho de 1816. Escreveu numerosas memorias em latim, portuguez e italiano, deixando creditos de homem estudioso e instruido.

O quarto signatario da consulta, que concedeu ao italiano Constanzo uma porção de terrenos na Ribeira de Muge, foi o Jacome Ratton.

Quem não conhece, ao menos de nome, este audacioso industrial, o socio de Verdier, o auctor das «Recordações» livro que ninguem pode deixar de consultar, quando haja de escrever ácerca de coisas portuguezas, desde 1747 até 1810, isto é, durante quasi tres quartos de seculo?

Apesar de se haver naturalisado portuguez, e merecido ser agraciado com o habito de Christo, e com o fóro de Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, parece que em 1810, o auctor das «Recordações» se levantára com o santo e com a esmola, dando pretexto, ignorâmos se fundado, a ser accusado de *jacobino*, e remettido para a torre de S. Julião da Barra, d'onde o passaram para bordo da fragata «Amazona» a mesma aonde já estava engaiolado o seu collega da «Real Junta» Domingos Vandelli, e que os devia transportar a ambos á ilha Terceira.

Jacome Ratton deixou descendencia, e crêmos que com ella se aparentam os senhores Visconde de Daupias, e de Alcochete, fazendo o primeiro illustrado uso dos seus largos haveres, quer como industrial, quer como amador esclarecido das bellas artes, com especialidade da pintura.

O quinto signatario da consulta, e que, se as praxes então seguidas eram as mesmas que hoje são, por assignar em ultimo logar, devêra ter sido o relator d'ella, apesar de se chamar Francisco Soares de Araujo e Silva, ficou sendo um anonymo para a posteridade, a não ser que nos archivos da «Real Junta», que não sabemos aonde páram, se encontrem alguns indicios que nos digam quem era o homem que em tão boa companhia se encontrava, em 1792.

Antes de entrarmos na analyse da consulta da «Real Junta do Commercio», convém saber que o governo, isto é, o marquez de Pombal, impoz ao tal Francisco Constanzo, como condição prévia para com elle tratar, o nacionalisar-se portuguez, o que significava a ameaça de pregar com elle na costa d'Africa, se por accaso a terra não produzisse, *conforme os desejos do lavrador*

O italiano propunha-se nada menos que a ensinar pelos methodos dos mais celebres physicos e chimicos, *a multiplicar os trigos e outras sementes fermentarias, de sorte que, no primeiro anno se colhessem trinta e seis sementes por cada uma lançada á terra, e sessenta no segundo anno; de cujo augmento daria provas claras em diversos logares e terrenos*

O homem era o diabo! Além da promessa que fica feita, offerecia-se tambem *para estimular a cultura do manná, linho, oleo de linhaça e barrilha c paz do fabrico do sabão e do vidro*

Foi pena que o proponente não désse conta do recado, senão já tinhamos a estas horas manná na praça da Figueira, sem invejarmos a grande dose d'elle que os Israelitas apanharam no deserto.

Mas, como se a promessa do manná ainda não bastasse áquella natureza prodiga, Francisco Constanzo offerecia-se ainda por cima, *para aperfeiçoar os methodos de crear os bichos de seda sem folhas de amoreira, e construir casas rusticas para gados e trabalhadores.*

Um paraiso!

Em troca d'isto tudo, alguma coisa havia de pedir o italiano. Pedio o menos que lhe foi possivel: quinze annos livres de todos os direitos e encargos, e duas leguas de terrenos incultos, por onde podesse espanejar-se á vontade, sem dar contas dos seus planos, senão a Deus.

(a) Innocencio da Silva. Diccionario Bibliographico.

O peior era a naturalisação. Elle bem sabia que apenas lhe escorregasse um pé, lá estaria o marquez de Pombal ás voltas com elle a pedir-lhe manná, e que o não désse, se fosse capaz, embora desculpando-se com as estações!

Apesar de nos faltarem as provas, nós crêmos que foi o mêdo que o italiano tomou ao marquez de Pombal, que o forçou a deixar a Ribeira de Muge esteril, como era d'antes, sem pavêas de trigo e sem manná.

A «Real Junta do Commercio» delegou em tres dos seus vogaes este negocio, e foram elles, Domingos Vandelli, Jacome Ratton, e Araujo e Silva, o anonymo de que já fallamos.

Mandaram chamar o italiano, examinaram-n'o, e concluiram os deputados informadores, que Francisco Constanzo: *pela summa vivacidade do seu genio* (intrujice) *dava ás suas especulações mais realidade do que ellas essencialmente tinham, mas que comtudo possuia os principios philosophicos da arte!*

Continuando, affirmam os consultores que o pretendente: «*Entende muito bem o systema campestre (!) e é capaz de combinar o prestimo dos elementos, das machinas, das bestas e dos homens, accommodando tudo ás variedades das estações.*»

O que nós não podemos perdoar aos tres censores, é haverem anteposto as bestas aos homens, com visivel aggravo para elles proprios, e para o resto da humanidade, que não anda despido do mais vulgar amor proprio.

A consulta prosegue assim: «*N'estes termos, o Estado, sem nada arriscar com o Supplicante, está no caso de lucrar muito por que, ou Elle cumpre o que promette, ou não. Se não cumpre recobram-se as terras; se cumpre o rotear terras bravias, sem despesa do patrimonio publico, justifica o pedido do Supplicante.*»

Em conclusão: A «Junta Real» entende que se devem expedir ordens ao Monteiro-Mór para a demarcação dos terrenos, que serão reduzidos a um praso regio, que o Supplicante gosará por quinze annos, livre de todo o encargo que não fôr o dizimo a Deus, e a prestação do Canon que lhe inpuzerem, em reconhecimento do Dominio directo que deve ficar na Coroa.

Ainda assim, que differença entre esta concessão, e as que nos nossos dias obteem os sarrafaçaes que se dizem representantes de bancos e de companhias que existem só no papel, ou andam já a cair de laseira, quando se lembram de vir a Portugal fazer fructificar o manná dos caminhos de ferro, ou o barrilha dos cabos submarinos!

Aqui se perde o rasto do concessionario de 1792. Que fez o homem, depois de auctorisado a crear bichos de seda, pondo-os a dieta de folhas de amoreira? Que colonia agricola fundou o italiano na Ribeira de Muge? Qual foi a sua primeira colheita de manná, em terras de Portugal?

Nada se sabe. O que apenas podemos apurar foi, que o Monteiro-Mór mandou dar execução ás deliberações da «Junta do Commercio» acceites e referendadas pelo Marquez de Pombal. Consta de um papel, que anda annexo á Consulta de que nos temos occupado, que uma commissão de peritos, composta de um capitão de engenheiros, e do segundo architecto das obras reaes, escolhêra na Ribeira de Muge, e no sitio chamado os Caniçaes, os terrenos adquados ás explorações de Francisco Constanzo, confinantes com as propriedades do duque de Cadaval e do marquez de Tancos, e mais nada até ao presente.

Seria com effeito este italiano o primeiro intrujão que veio a Portugal, na intenção de nos dar bilha de leite, por bilha de azeite? Se foi, o que podemos affirmar é que a raça medrou, e promette propagar-se.

A unica differença entre Francisco Constanzo, e os seus successores, consiste em aquelle se contentar com duas leguas de terrenos incultos, e os de hoje só não pedirem a lua... por estar fóra do alcance das reclamações internacionaes, o mais seguro pára-raios de traficancias engenhosas.

L. A. PALMEIRIM.

INTERMEZZO LYRICO

(HEINE)

I

Foi quando maio brilhava
Da terra na vastidão,
Que um doce amor se espelhava
Dentro do meu coração.

Foi quando maio fulgia...
Nem um só passaro mudo!
A minha bella sorria
E então confessei-lhe tudo!

1885 Porto. JOAQUIM DE ARAUJO.

CONTOS PARA A INFANCIA

A ARVORE DO NATAL

Uma encantadora creança,—a Christina!

Branca, rosada, loira, franzina e um par de olhos azues, de uma scintillação de aço polido, em cujo iris fulgurava ás vezes o riso escarninho de um diabrete.

Era um tudo nada vaidosa a Christina, não digo que não.

Mas tambem vejam se inventam o modo de uma pessoa ignorar que é bonita, havendo Deus creado os lagos transparentes, e tendo os homens fabricado os espelhos!...

A Christina consultava frequentes vezes um soberbo crystal da Bohemia, encaixilhado entre as finas rendas e as vaporosas cambraias do seu pequenino toucador Pompadour. E sorria-se para o espelho, quando elle lhe chamava formosa, reflectindo-a no brilho de uma *toilette* chic, com muitos laços, feita de fazendas caras, talhada com esmero por uma modista elegante.

Aos nove annos, a Christina sabia de cór e salteado que era bonita, como se já contasse vinte!

Ah! mas se fosse só isso!...

O peccadilho da vaidade complicava-se na Christina pelo peccado da soberba.

Na sua loira belleza de saraphim enroscava-se, como um reptil, o demonio da soberba.

Os doidos extremos da mamã, as ineptas lisonjas das creadas, e sobre tudo a convivencia com as tias, tres pretenciosas que passavam os dias a correr as lojas de modas, a mostrarem-se pelos arruamentos, a discutirem figurinos e a criticarem as amigas, tinham inoculado na creança amimada o germen d'essa peçonha.

A Christina tinha uma amiga, a filha dos condes de Villa Flor, a Laura, uma adoravel pequenita, um doce e affectuoso coraçãosinho de pomba.

A Christina, alliciada pela garridice das tias, e mal educada pela indulgencia da mamã, vestia como uma mulher pequena, com um espavento de figurino mal digerido.

A Laura, pelo contrario, vestia-se com a simplicidade verdadeiramente puritana de uma *prety girl.*

Mas, por uma singularidade até certo ponto inexplicavel, a Christina sentia-se humilhada no seu espaventoso luxo de boneca bem vestida, perante a singela e infantil *toilette* da filha dos condes de Villa Flor.

E no entanto, a Laura não era nada bonita.

Estava-se no mez de dezembro.

Um dia, ao almoço, entre um filete de fiambre, e uma chavena de chá preto, o pae da Christina, cambiando um sorriso com a esposa, alludiu, vagamente, ao projecto de fazer a Arvore do Natal.

A Christina córou até ás orelhas.

A Arvore do Natal não lhe apparecia sob o aspecto de um simples divertimento; deslumbrava-a como a perspectiva de um esplendido triumpho. Porque a Laura, a filha dos condes de Villa Flor,—a aristocrata!—nunca tivera Arvore do Natal!...

Auctorisada pelo papá e pela mamã, a Christina, acompanhada das inseparaveis tias, foi fazer a lista dos convites. Tudo gente da alta, meninas e meninos ricos, que abordassem á porta com estrondo, reclinados em bellas carruagens de mollas, com lacaio na almofada e brazão na portinhola.

Oh! que divina noite!...

Na vespera do grande dia a Christina não pregou olho.

Toda a noite vio frondejar a maravilhosa Arvore, pendendo para o chão os seus ramos bordados de flores estranhas e de fructos fantasticos.

Logo depois do almoço, o papá, o jardineiro, o creado de mesa, os caixotes e os ramos de pinho fecharam-se por dentro na sala amarella.

Um segredo de vida ou de morte foi imposto aos portadores das caixas compradas no Benard, no Caetano Costa, na Aguia de Oiro e no Seixas.

Mas na noite do dia 24 de dezembro, a Christina, mercê da curiosidade alviçareira das tias e da bacharelice das criadas, sabia tudo: a qualidade e quantidade dos brindes e o modo como deveriam ser distribuidos, por uma tombola, que começaria a funccionar á meia noite em ponto. Na ennumeração de tantas e tão lindas cousas, que endoidavam a Christina havia uma que lhe dera volta ao miolo. Uma sombrinha guarnecida de plumas brancas, transformando-se, mediante um engenhoso mechanismo, em uma linda ventarola, estrelada de lantejoulas e semeiada de pequeninos botões de rosa.

A's oito horas da noite começaram a affluir os pequenos convidados, um enxame loiro de bébés córados, uma revoada de rapazinhos traquinas e de meninas tagarellas, assaltados, não raro, no meio de uma conversa de gente crescida, pela irresistivel tentação de correr, pular, espinotear, rasgar as rendas, amarrotar os setins e os velludos, até ao galante desenlace de um nariz esborrachado, de um joelho contundido e de um enorme gallo azul a cacarejar no alto da cabeça.

A Christina pavoneava-se com a soberana altivez de uma imperatriz no meio dos seus subditos: era ella que fazia as honras da casa, na pompa espectaculosa do seu vestido de princeza de velludo granada, assidua e diligente em distribuir beijos e doces, tendo sempre o cuidado de separar, para regalo dos seus pequeninos dentes de ratinho guloso, as mais doiradas trouxas d'ovos, os mais appetitosos *bonbons.*

Pelo meio da noite, a filha do jardineiro entrou na sala pela mão do pae, afogada em uma golla de rendas que lhe anavalhavam o pescocinho rachitico, como uma colleira de recruta, mettida em um vestido de percale tufado como um limpa-pennas, assustada e encolhida como um pintainho sahido da casca.

A Christina e as tias vieram vêr, troçando, batendo palmas, rindo ás gargalhadas.

Na vespera, o papá dissera ao jardineiro que podia trazer a filha.

As tias censuraram aquelle mau costume de misturar gente ordinaria,—canalha, povinho!—com gente fina.

A Christina abundou n'essa opinião, e lembrou ao papá que a sr.ª condessa não havia de gostar, que os meninos Silveiras,—os netos do conselheiro—,eram muito capazes de se irem embora...

A mamã, obediente ás menores vontades, aos mais absurdos caprichos da sua despotasinha, approvou.

Mas o papá insistiu, e, franzindo o sobrolho, carregando a viseira, chamou tola á Christina.

A's onze horas, quando os sinos espalhavam os seus festivos sons metallicos no luar frio, transparente e claro d'essa formosa noite de Natal, as portas da sala amarella abriram-se de par em par, e as creanças correram ennoveladas, offegantes, desabrochando na sala como uma colossal *corbeille* de flôres vestidas de setim e velludo, e enchendo-a com a nitida vibração, com a viva nota de crystal das suas vozes de ave.

A Arvore lá estava, plantada ao centro da casa, constellada de pequenas luzes tremeluzentes e azuladas como opalas, fructeada de galhardetes, de lacinhos de fita, de nozes doiradas, de cofres surprezas, de pierrots com bossas tricolores, de cavallinhos correndo no vacuo, de saguis garotos, de polichinellos agitando os guizos, de espadas rutilas, de clarins estridentes, de *babys* de porcellana e pellica, e de saquinhos de setim azul e cor de rosa, com ricas *pralines* cheias de um licor fino e aromatico...

Da agulha do ultimo ramo pendia o ideal da Christina,—a tentadora sombrinha!

As tres tias, associadas com um estouvadinho, o Chico Varela, combinaram escamotear o numero correspondente ao da sombrinha e offerecel-o á Christina.

A Christina, que entrara no segredo da conspiração, divagava em extasis no setimo ceo da ventura.

De repente, a tombola marcou o numero 102, o numero do precioso gauarda-sol, o numero inscripto na taboinha que a Laura segurava nas pontas dos seus dedinhos aristocraticos.

O pae da Christina ouvira parte da conversa havida entre as cunhadas e o Varela; fôra elle que dera a taboinha á Laura, e foi elle que lhe entregou a sombrinha.

A Christina embezerrou: uma onda de lagrimas afogou-lhe a voz; o furor encanzinava-a; vinham-lhe birras, impetos de atirar-se á Laura e de arrancar-lhe das mãos o querido objecto.

N'essa occasião, a tombola favoreceu a filha do jardineiro com um premio,—uma macaquinha de pello intonso e olhos de vidro turvo.

—E' o retrato d'ella, disse em voz alta o Chico Varela.

A creanças, incluindo as tres tias, soltaram uma gargalhada motejadora, que se alastrou na sala como um rastilho.

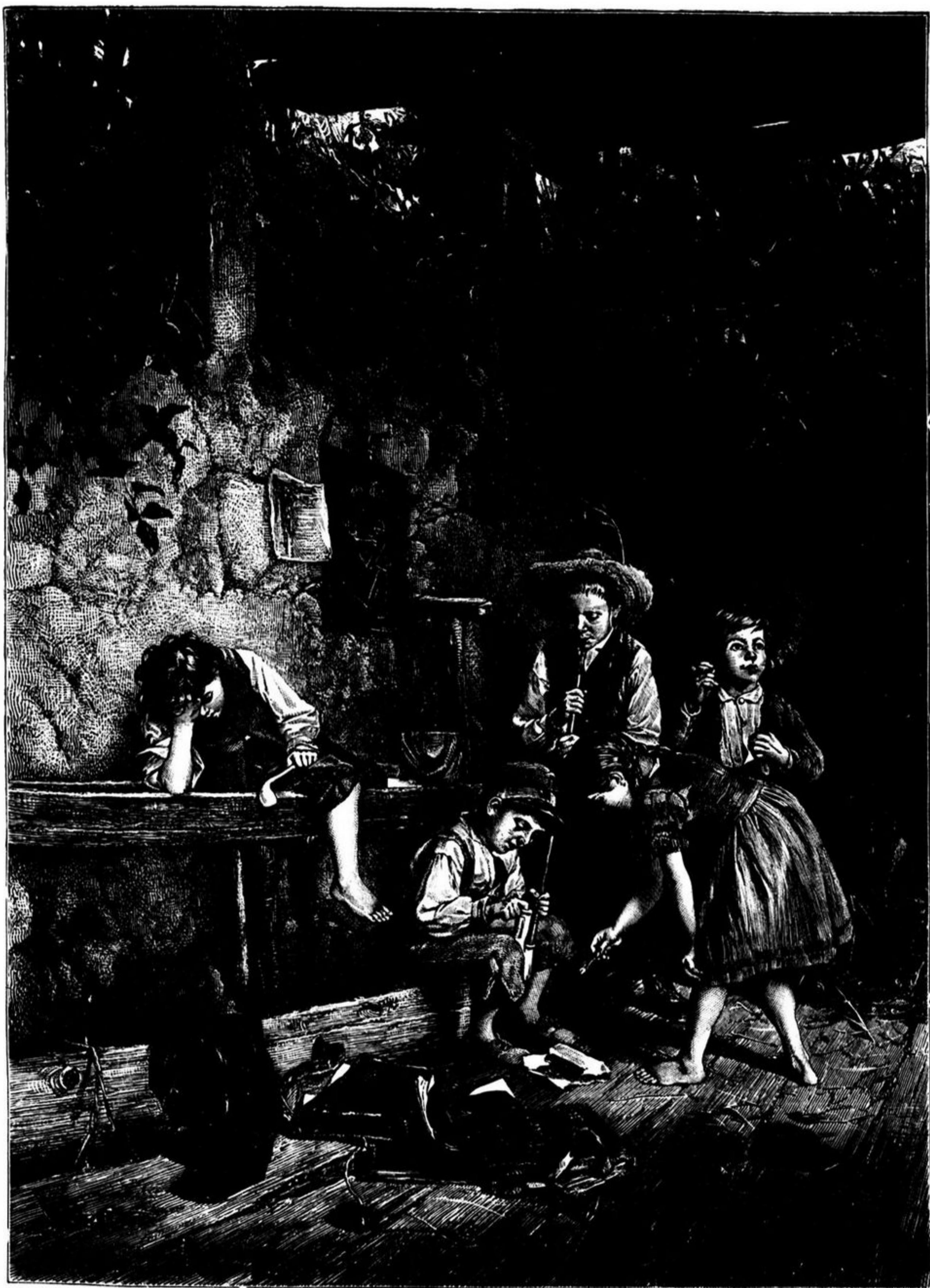
A desgraçadinha, corrida de vergonha, fugiu para um canto da sala, e ahi, á sombra do piano, agachada, humilde, isolada, repellida da convivencia das creanças ricas, das meninas finas, desatou a chorar.

A birra da Christina dissolveu-se como uma nuvem asseteada por um raio de sol: esqueceu a sombrinha; achou muito espirito ao sr. Varela, celebrou-lhe a graça de comparar o mostrengo a uma macaca, e riu, riu como uma perdida, supurando a bilis, desafogando o azedo mau humor no prazer maligno de escarnecer a infeliz.

A Laura, de parte, calada e séria, assistia aquella alegre execução.

De subito, sem dizer nada, atravessou a sala, approximou-se da filha do jardineiro, e affectuosa, compadecida, abrindo os bracinhos, que se assimilhavam vagamente a duas azas de anjo, apertou ao peito a pobresita, cobriu-a de beijos, enxugou-lhe as lagrimas, e pediu-lhe que trocasse a macaquinha pelo guarda sol.

Uma salva de palmas resoou na sala: lagrimas de commoção borbulharam em todos os olhos, e em quanto a Christina devorava em silencio o seu despeito, a filha dos condes de Villa Flor era levada em triumpho ao pae e á mãe que, unindo-a ao coração, choravam de ternura e orgulho...

A doce e bondosa alma da creança adivinhara, instinctivamen-

A FRESCATA

te, o divino preceito, ouvido ha dezenove seculos dos labios de um justo, e symbolisado n'aquella hora pelo berço de um Deus nascido nas palhas de uma arribana: —**exaltar os humildes!**

GUIOMAR TORREZÃO

AS NOSSAS GRAVURAS

AFRICA OCCIDENTAL

A nossa gravura representa uma das propriedades agricolas mais importantes da provincia d'Angola, denominada *Santa Isabel*, situada nas bellas margens da bahia de *Quicombo*, e rio do mesmo nome, concelho de *Novo Redondo*, e pertencente á firma commercial de Loanda, Prazeres, irmãos & C.ª.

A propriedade é, pela maior parte, plantada de canna sacarina, da qual os seus proprietarios fabricam aguardente.

Representa a nossa gravura a perspectiva da casa onde se acham installadas as officinas de moagem e apparelho de distillação, tanoaria, armazens, habitação de operarios, de trabalhadores, ollaria etc.

UM DESAPONTAMENTO

Havia muitos dias já que elle namorava o feiticeiro relogio, n'essa mudez eloquente das creanças travêssas, onde se traduzem calculos estravagantes e fanthasias buliçosas. Era uma fascinação irresistivel e constante; um enlevamento, que durava horas inteiras.

O nosso rapazola não pensava n'outra cousa. Aquellas oscillações isochronas do pendulo absorviam-n'o; aquelle *tic tac* cadenciado, que punha no silencio da sala uma nota melancolica, fazia-o scismar; o movimento vagoroso dos ponteiros, que a uma hora certa se encontravam no mesmo ponto para se separarem logo e proseguirem com uma gravidade austera no seu gyro eterno, trazia-o enlevado e attonito

—Como era que se movia toda aquella machina? perguntava o nosso homemsinho muitas vezes a si proprio, espicaçado pelo aguilhão da curiosidade, sopeando a custo o vehemente desejo que o assaltava de trepar a um movel e de mergulhar mãos e olhos n'aquelle intricado labyrintho de rodas irrequietas.

A pergunta repetia-se todos os dias, e a curiosidade não satisfeita tomava, no espirito fanthasioso do rapazote, proporções gigantescas.

Certa manhã achou-se sosinho, sem testemunhas importunas que o desviassem do proposito havia muito tempo formado. O seu querido relogio fascinava-o; o sol, entrando em ondas pela janella, punha no mostrador scintillações douradas, que lhe davam um tom alegre e feiticeiro. A occasião era opportuna e propicia.

Não quiz, porém, o acaso mofino que o pobre moço saboreasse as delicias de uma analyse minuciosa com que tanto sonhara. As suas mãos pequeninas e pouco adestradas puxaram de mais pelo pendulo, e o objecto dos seus enlevos caiu por terra, deixando-o petrificado, extatico, collado á parede, com os dedos na bocca e os olhos fixos no chão, dizendo de si para comsigo o que nós dizemos agora contemplando a gravura:

—Que desapontamento!

O VENDEDOR DE CORAES

O trage do judeu que habita os paizes em que se falla arabe é aquelle. Nós chamamos-lhe «o judeu da tamara.» Quem te havia de dizer, filho de Israel, que depois de symbolisares na historia antiga o ideal e a crença n'um deus unico, virias a ser no fim de seculos o typo do ideal moderno—o lucro—a ganancia. As filhas de Sião não choram só pela perda do templo, choram porque, em vez de conduzires em tempos de paz os teus rebanhos, como fazia Jacob, e em tempos de guerra combateres pela tua crença como praticavam os teus antepassados, andas pelo mundo qual ave de rapina, vendendo tamaras e coraes e empolgando os dobrões para os accumulares na burra. Substituiste a ara pela caixa, o tabernaculo pelo escriptorio, a fé profunda pelo amor inveterado ao dinheiro; mesclaste o culto de Deus unico com a idolatria de Mammon, e converteste todas as tuas aspirações n'uma só—a de chegar a banqueiro para emprestares aos governos com modico juro. Anda, mixto de fé e torpeza, de humildade e arrogancia; os teus dias ainda não foram contados. Passeia pelo mundo a tua decadencia, prodigiosa de actividade e abundante de baixezas, até que possa ser revelado o segredo da tua duração atravez de todos os cataclysmos sociaes. A tua profunda vitalidade resistiu aos embates da Assyria, da Persia, da Grecia, de Roma, do Imperio do Occidente e ás perseguições da Edade Media. Prevaleceste contra tudo e contra todos, milagre de tenacidade e equilibrio.

Hodgson, o auctor d'este quadro, é um artista d *elite*. Ninguem apresenta como elle tão fielmente os typos do Oriente. O arabe não póde resistir ás boas rasões que lhe dá o judeu. Não haja duvida que acabará por comprar os coraes. O judeu diz-lhe que são quasi dados. Quando essa razão não fosse bastante forte para o decidir a comprar, havia outra, e é a rapariga desejal-os ardentemente. Nunca a sua alma cubiçou tanto uma coisa, como a posse d'aquelles coraes. O judeu não a perde de vista. Se se não resolvem de pressa não tarda a offerecer-lhes outros peiores por dobrado preço, e então não resistem.

A FRESCATA

N'um dia quente, á hora da missa, apanhando a familia na egreja, cinco mariolas da peior especie deliberam entre si uma frescata de estrondo.

—Vamos jogar os touros? disse o Arsenio.

—Nada! Guerra é que deve ser, fez o Ricardo.

Quando a petroleira da Monica, senhora do campo, entrou logo a planear:

—Que devia ser uma casa de senhoras comadres—ella mãe, o Arsenio pae, o Ricardo de filho, mais o Romão. E o Manel seria lobo.

—E eu havia de ir cavar por esses mattos, gralhou o Arsenio, ufano da paternidade concedida—e vinha um lobo... E os filhos vinham-me livrar: oh, vá?...

De paus ao hombro, simulando enchadas e picaretas, tres dos melros marcharam até ao quintal, dando—*salve-o Deus, mano homem!*—ás paredes de taipa esboroenta e arados em montes nos alpendres, como se por veredas e azinhagas fossem cruzando gentes conhecidas. O que fazia de lobo já se tinha emboscado nos mattos á espreita, uivando com temerosos arrancos. E os tres a cavar!

—Oh pae! disse o Romão, pondo em descanço o simulacro de enchada que esgrimia.

—Que é, filho? fez o Arsenio em voz de metter respeito.

—Que será isto nos mattos a uivar?... Valha-nos aqui Nossa Senhora!

—Ai, lobo! ai, lobo!...—bradam todos, desandando a quatro pés por esses caminhos, e ao tempo de estar prompto o jantarinho que Monica preparara.

Estiveram comendo, sim senhor, e foi de ver a surpreza, quando a pequena, com os seus olhos faiscantes, tirou da grande bolsa de caça do avô Dyonisio, a latinha do *kentucky*, seguida de uma collecção de cachimbos disformes, confeccionada pelo velho nos ocios da apascentagem dos gados.

Toda a sociedade concordou em fumar uma cachimbada do forte, depois da comida. Fazendo valer então a sua auctoridade de chefe de familia, o Arsenio reclamou, como preza de leão, o maior dos cachimbos, monumento de esculptura, talhado sobre azinho mais duro que o granito dos montes. Romão agarrou tambem no seu, o Ricardo, e até o Manel, que era o patarreco da ninhada. Toca a encher as fornalhas de bom tabaco! O Ricardo ria como doido, espendurado n'um cachimbo disconforme e atirando para a nuca o chapeirão de esteira algarvia, emquanto os mais passeiavam triumphantemente na cosinha, chupando o fumo, saboreando e cuspilhando no chão, em carantonhas de amargor, descalços e com o ar marcial de quem conquistou um imperio.

Quando o Manel, sentado na banca tosca da cosinha, disse que lhe andava tudo á roda; e o cachimbo pendeu-lhe n'uma embriaguez esvaida.

A Monica tinha esfregado um phosphoro de pau, e esperava, curvada, que o Arsenio atafulhasse o seu enorme cachimbo de azinho. Então, sem elles perceberem, o cão deu signal de gente.

Tinha-se acabado a missa, e pela deveza da aldeia, a familia vinha subindo já para a herdade... Nem lhes descrevo a tunda que estes meus cinco patifes apanharam, quando o avô Dyonisio, um velho avaro, os surprehendeu na orgia do seu rico kentucky.

Olhem a gravura, que, como scena episodica, é o que ha de mais flagrante.

CAÇADA COM OS FALCÕES

Este genero de caçadas era o passatempo da alta sociedade, na Edade Media.

Estas caçadas eram feitas com o maior apparato. A nossa gravura dá uma idéa d'aquelle luxo e magnificencia.

Para dizer tudo em poucas palavras, basta que se saiba que o falcoeiro-mór era um official da casa real, e que J. Guigembre escreveu o seguinte sobre o assumpto: «*la chasse au faucon c'est l'exercice noble par excellence, c'est le passe-temps favori des grands seigneurs arabes du Sudalgerin.*

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NÓVISSIMAS

Este homem isolado é appellido—2—1.
Todos temos, todos temos este animal—1—1.

Coimbra. SALPU KAMIDER.

No tribunal é peixe e planta medicinal—1—2.

Coimbra. H. A. GOMES

Dá luz aos pobres e pega—1—1.
Este animal na roca fia—2—2.
Este adverbio e este general estão em Roma n'este mez—1—1—1—1.

Carvalhaes. S. SISMÕE.

EM VERSO

No jogo sou encontrado, } 1
Ninguem tem que duvidar; }
E com este doce fructo } 2
Que te vou aqui mostrar }

O conceito não vae mal,
Mas é muito desegual.

Aqui tens um elemento, } 1
Que é por todos conhecido. }
Mais ou menos, todos teem, } 2
Toma n'isto bem sentido. }

O meu todo combinado,
E' acceso e inflammado.

C. A. C. LACERDA.

(AO MEU AMIGO G. C.)

Troque tercia letra, troque,
Mas não troque por vogal,
E verá depois da troca
Conhecido vegetal—2.

Anteponha agora letra,
Consoante deve ser,
Encontrará no que fica
Cousa que em si ha-de ter—2.

Quer conceito? Vou fazel-o,
Porém sem muita clareza;
O todo, não tendo trocas,
Uma villa é, portugueza.

CARMO E SOUSA.

LOGOGRIPHOS

N'esta cidade africana—7, 8, 7, 6
Um tolo vaes encontrar—3, 2, 7, 8, 7, 4.
E, tambem, certo instrumento—3, 2.
Que serve para tosar—1, 4, 5, 6, 7, 8.

Se o que te digo não basta
Para o todo decifrar,
Lá vae mais este clarão:
Symboliso o militar.

J. A. D.

(AO FANTOCHE DO PORTO)

E' da musica uma parte,—3, 5, 4, 2.
Na verdade indispensavel.—1, 2, 4, 5.
Serve p'ra fazer comida,—4, 2, 6, 7, 5.
E é da casa inseparavel—4, 8, 6, 4, 5.

Se o nosso todo fôr buscar,
O logogripho ha de matar.

FANTOCHE DE LISBOA.

CARTA ENIGMATICA

(Por lettras)

6, 2, 4, 8,—1, 15, 4, 6, 8, 11

Estou em 1, 2, 9, 4, 7, 9, e 14, 8, 3, em 1, 15, 4, 6, 8, para 1, 10, 6, 2, 3, em companhia do 13, 3, 6, 2, 11, que encontrei 4, 12, 6, 8, e 6, 2, 11, 10, 9, 8, com a 1, 2, 4, 12, 13, 5, 15, que 13, 2, 14, 15, 14, 2, no 4, 5, 8,—6, 2, 14, 15, 9, 8. Ella é 2, 9, 8, 4, 10, 9, 15, pelo 1, 2, 4, 5, 9, 8, mas tem a 2, 3, 9, 10, 6, 7, 15, de o não acompanhar, por não ter 14, 2, 13, 8, 4, de deixar o 13, 7, 1, 2, que ainda 15, 1, 2, e que, como tu sabes, é 3, 1, grande 14, 2, 9, 7, 8; comtudo espero que a 6, 4, 5, 2, 9, 15, a quem offereci 3, 1, 2, boa 6, 2, 1, 5, 11, 8, 13, 15, consiga 1, 3, 9, 2, 4, as idéas d'aquella 13, 8, 3, 6, 2, e 13, 5, 14, 4, 2, 13, 15, do 1, 2, 13, 3, 6, 8, que a tem 5, 13, 13, 3, 9, 7, 9, 8.

13, 2, 7, ao 4, 8, 6, 7, 8, da 14, 5, 13, 13, 2, e compra-me um 13, 7, 14, 4, 8, todo 4, 5, 11, 6, 2, 9, 8, uma caneta de 14, 7, 9, 4, 8, uma caixa com 13, 7, 6, 8, 4, de 8, 3, 4, 8, outra com 1, 2, 13, 14, 2, 11, 7, 15, e uma 9, 3, 11, 7, 2, de 6, 5, 9, 4, 15, 11, e manda-me tudo para 1, 2, 4, 10, 14, 7, 13, 13, 2, para 6, 2, 11, 10, do 7, 11, 5, 9, 8, 4, 8, que esteve em 1, 2, 13, 1, 8, o anno passado, 1, 8, 4, 2, 9, 8, 4, na 6, 2, 13, 6, 10, 9 15, do 13, 2, 14, 4, 10, 9, 7, 8, que é 7, 4, 1, 2, 8, do 13, 3, 7, 11, 2, da 4, 3, 2, de 15, 13, 6, 2, 1, 5, 1, que toca 14, 7, 8, 13, 15, prima de um 1, 3, 11, 7, 6, 8, da 10, 4, 1, 2, 9, 15, que costuma estar com o 2, 1, 10, 4, 8, na 1, 7, 11, 11, 2, da 3, 1, 10, no 11, 2, 13, 14, 10, 9, 8, 4, e que, segundo dizem, 6, 2, 11, 15, com a 2, 1, 10, 11, 5, 15 do 13, 10, 14, 4, 2, 9, 8, 4,—2, 13, 1, 10, 9, 15.

Teu amigo

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8,—9, 10,—11, 12, 13, 14, 15

Elvas. A. J. N. S.

ENIGMA

(ADAGIO)

M	V	Q	D	A	Q	Q	M	M
1	2	1	1	3	1	1	2	3

Braga. J. D. VELLOSO.

PROBLEMA

Sobre duas rectas, que se crusam a angulo recto, caminham, approximando-se do vertice, dois circulos de raios 981 e 980 metros, tendo o primeiro a velocidade de 7 metros por segundo, e o segundo a velocidade de 5 metros. Quanto tempo é preciso para que os dois circulos se tornem tangentes exteriormente, sabendo que o centro do primeiro dista d'aquelle vertice 2.442 metros, e que o centro do segundo dista do mesmo vertice 1:591 metros?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS: — Semanario.—Ventoso.—Martinha.—Charada
DOS LOGOGRIPHOS:—Deolinda.—Lobogato.
DO PROBLEMA:—

Domingo	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sabbado
a b c	a d e	a f g	a h i	a j k	a l m	a n p
d h l	b i k	b h j	c e g	c d f	b e f	b d g
e j n	c m p	c l n	b m n	b l p	c i j	c h k
f i p	f h n	d i m	d j p	e h m	d k n	e i l
g k m	g j l	e k p	f k l	g i n	g h p	f j m

As quinze letras empregadas representam as quinze educandas.

A RIR

Laura é uma formosa donzellinha de dezenove annos, que frequenta os bailes da *haute gomme*, e vae todos os annos ás estações de banhos mais em moda, em procura d'um marido.

Uma das suas distracções favoritas é a leitura de revistas de tribunaes.

—O que lê v. ex.ª com tanto interesse? perguntou-lhe certo dia um rapaz das suas relações. Não percebo a razão porque tanto gosta d'esses assumptos criminaes!..

—Leio apenas as causas de separação ou divorcio respondeu Laura, e aponto os nomes dos advogados celebres... para quando fôr casada.

*

Uma espirituosa dama, muito aristocratica, mas muito liberal, deu um banquete a alguns dos seus amigos mais intimos.

Ao *toàst* brindou-se á liberdade e ao progresso.

Não querendo ficar atraz, um rico banqueiro levanta-se e diz:

—Eu, apesar de aristocrata e de millionario, sou enthusiasta pelo 93...

E a dona da casa, com um sorriso malicioso:

—Sim do 93... por cento.

CAÇADA COM OS FALCÕES

UM CONSELHO POR SEMANA

RECEITA PARA DOURAR DIRECTAMENTE A MADEIRA

Applicam-se primeiro á madeira, por meio de um pincel, duas ou tres camadas de colla dissolvida em agua, com a qual se consegue tapar-lhe os poros. Depois dão-se tres camadas destinadas ás partes brilhantes, que devem ser polidas, e procede-se logo ao dourado propriamente dito, do modo seguinte: Prepara-se um liquido formado de uma dissolução de colla na agua, contendo pó de ouro em suspensão, empregando as seguintes proporções:

Ouro em pães	1	gramma
Colla fina	2	»
Agua	5	»

Aquece-se novamente a mistura até que esteja dissolvida a colla, e depois applica-se sobre a madeira, tendo o cuidado de agitar, afim de que o ouro se divida e fique em suspensão. Dão-se tres camadas d'esta mistura, e quando estão seccas, pulem-se as partes que teem de ficar brilhantes.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros	2$080 réis.	Anno, 52 numeros	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros	520 »	Avulso	200 » »
No acto da entrega	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado», Travessa da Queimada, 35, Lisboa